



Intervenção Federal no Nordeste: uma análise dos fatores que favoreceram a criação da Sudene¹

Deijenane Gomes dos Santos²

Resumo

Este artigo faz uma análise de conjuntura do período em que a Sudene foi criada. O presente trabalho mostra os fatores que foram essenciais para que a ideia da nova instituição federal saísse do papel e viesse a se tornar a primeira experiência concreta de promoção e execução de ações que visavam o desenvolvimento econômico do Nordeste.

Palavras-chave: Sudene; desenvolvimento; Nordeste

Abstract

This paper analyses the conjuncture of the period when Sudene was created. The present work shows the factors that were essential to cause the idea of the new federal institution to get out of the paper and become the first concrete experience of promotion and execution of actions that aimed to bring the economic development of Northeast.

Key-words: Sudene; development; Northeast

Resumen

Este artículo analiza la coyuntura del período de la creación de la Superintendencia de Desarrollo del Nordeste- Sudene. El trabajo muestra los factores que fueron esenciales para que la idea de la nueva institución federal saliera del papel y viniera a tornarse la primera experiencia concreta de promoción y ejecución de acciones que tenían como objetivo el desarrollo económico del nordeste brasileño.

Palabras clave: Sudene, desarrollo, Nordeste

¹ Artigo elaborado como parte integrante do Projeto de Preservação e Disponibilização do Acervo do Conselho Deliberativo da SUDENE - PROCONDEL

² Mestra em Ciência Política pela UFPE: deijenanesantos@gmail.com

Parceiros:



Realização:





Introdução

Há sessenta anos, o Brasil iniciou o processo de modernização de sua economia para moldá-la ao capital internacional por meio da supressão de importações e aumento das exportações de produtos tradicionais da indústria primária. A forma como o país conduzia sua economia era um exemplo claro da situação mundial do pós-guerra, haja vista o interesse americano em angariar apoio ao seu Plano Marshall e permitir assim, que o mundo desfrutasse de um sistema econômico organizado.

Começando com Vargas (1930-1945/1951-1954) e passando por Gaspar Dutra (1946-1951), o Brasil foi experimentando, cada vez mais, a dependência do capital estrangeiro para desenvolver seu insipiente setor industrial, o que se agravou ainda mais com o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), presidente que de fato, modernizou a economia nacional e a indústria brasileira. Kubitschek foi responsável não apenas por dar fôlego novo a uma ideia antiga, aquela que pretendia modernizar a economia do Brasil, mas também por colocar o Estado como protagonista no processo de modernização do país, uma espécie de populismo aliado ao nacionalismo muito presente em seus discursos.

Citando Antônio Callado, Maria Victória Benevides (1991) afirma que o termo *desenvolvimentismo* fora cunhado pelo próprio Kubitschek e que nenhum outro personagem político soube cristalizar de forma tão peculiar ideias de avanço econômico e social quanto Juscelino na época em que foi presidente. O governo de Juscelino foi, segundo Benevides, um evento até então inédito no Brasil, com a junção de elementos populistas, em voga à época, com uma forma inovadora de fazer política por meio de coalizões entre o poder executivo e os partidos mais importantes da cena nacional e um olhar otimista para o futuro. Kubitschek era um visionário, mas sem deixar de ser pragmático e colocou o Brasil no caminho da industrialização e da modernização tanto econômica, quanto social e política. A autora resume seu governo como uma administração cuja estabilidade foi construída sob uma base política frágil no que concerne à conjuntura histórica da época, mas arrojada em termos de modernização nos campos da economia e da indústria (BENEVIDES, 1991).

Parceiros:



Realização:



Apesar dos pontos negativos do governo Juscelino, entre eles, a alta inflação, a grande presença do capital externo, aumentando assim, a dependência brasileira em relação às grandes potências, especialmente os Estados Unidos - EUA e o aumento dos gastos públicos, a administração Kubitschek pode ser vista como positiva. Isso se deve ao fato de o governo haver conseguido modernizar o parque industrial nacional, o que possibilitou, entre outras coisas, a oferta de empregos à população urbana e o aumento do consumo por parte da classe média, reduzindo a demanda por importações, além de haver promovido o desenvolvimento de setores importantes como o energético e o de transportes, os quais, antes, eram responsáveis por boa parte do atraso do país (VELOSO; FIDELIS, 2009).

Mas, apesar de o Plano de Metas desenvolvido por Kubitschek ter objetivos que levariam o Brasil a um novo patamar na área de desenvolvimento industrial e conseqüentemente econômico, a única região a se beneficiar de fato com aquele desenvolvimentismo foi o Centro-sul, mais especificamente, São Paulo, estado que recebeu grandes incentivos para modernizar e ampliar seu parque industrial. O Plano de Metas arquitetado durante a administração de Juscelino fez vista grossa para os problemas como o subdesenvolvimento de regiões que vivem em extrema pobreza, entre elas, o Nordeste¹.

Se Kubitschek não se lembrou do Nordeste quando pensava em plano desenvolvimentista para o Brasil em termos estritamente econômicos, não poderia, contudo esquecer-se da região no que concerne ao apoio que deveria angariar para reeleger-se, haja vista que deixar o Nordeste de fora do processo do desenvolvimento nacional seria um suicídio político e esse não era seu objetivo.

¹A Questão Nordestina foi a alcunha pela qual ficou conhecida nacionalmente a situação de extrema miséria e subdesenvolvimento que assolava o Nordeste do país. A primeira vez em que a Questão Nordestina entrou no debate público nacional foi através das reportagens de Antônio Callado para o jornal fluminense Correio da Manhã em 1959.

A situação política do então presidente não era das melhores, a polêmica na qual ele estava envolvido por causa dos gastos com a construção de Brasília, por exemplo, a clara preferência pela região Centro-sul, especialmente pelo estado de São Paulo, na oferta de incentivos financeiros para

Parceiros:



Realização:



o investimento na indústria nacional e o descaso do Governo Federal em relação aos problemas do Nordeste.

Meio a contragosto, Juscelino Kubitschek passou a enxergar a Questão Nordestina como prioridade e delegou ao economista Celso Furtado a hercúlea tarefa de tirar a região de seu atraso secular, por meio de uma organização que fosse responsável pela elaboração e execução de ações que promovessem a industrialização e conseqüentemente o desenvolvimento do Nordeste.

É importante lembrar que a partir da tomada de consciência do problema nordestino, o presidente levou a cabo as ideias de Furtado acerca de um projeto desenvolvimentista para o Nordeste e foi presença constante na região.

O começo do desenvolvimento econômico e social da região se deu com a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - Sudene em 15 de dezembro de 1959. De fato, a proposta de sua criação fazia parte dos esforços do Governo Federal à época, o qual pretendia trazer progresso econômico e social para o Nordeste, uma vez que os grandes empreendimentos industriais e os índices de desenvolvimento eram uma realidade apenas na região Centro-sul. Para que se possa entender como a ideia da Sudene saiu do papel é preciso examinar as condições consideradas essenciais para que a organização viesse a existir.

1. A Liderança de Celso Furtado

Segundo Joseph Love (1996) economista Celso Furtado é tido como o cientista brasileiro mais influente do século XX por suas contribuições teóricas para o desenvolvimento do Brasil e seu incansável trabalho à frente dos esforços para conduzir o país à modernização, caso cristalizado pela liderança exercida no processo de criação da Sudene. Segundo Bernardo Ricupero (2002), Celso Furtado contribuiu como poucos para mudar a forma como o Estado era visto no Brasil, ou seja, após a atuação do economista, o âmbito estatal não era mais visto apenas como o loco do autoritarismo, mas como um lugar de ideias modernizadoras, progressistas.

Parceiros:



Realização:



Apesar de seu pensamento ter passado por uma evolução natural dentro do contexto histórico, é possível se perceber uma linha mestra que permeia todo o raciocínio teórico de Furtado: interpretar a problemática brasileira do ponto de vista da questão regional, em outras palavras, as peculiaridades de cada região definiriam a forma como os problemas estruturais das mesmas seriam resolvidos.

E esta visão de Furtado era resultado de seu envolvimento com as teorias produzidas pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - Cepal, organização idealizada pelo economista argentino Raúl Prebisch com o objetivo de reinterpretar as questões da América Latina por meio de teorias que priorizassem as especificidades regionais. Segundo Joseph Love, Celso Furtado foi o maior representante brasileiro da linha teórica cepalina e contribuiu com a difusão das ideias que apresentavam o Estado como um agente das mudanças estruturais na economia e na modernização da indústria no Brasil das décadas de 1950 e 1960 (SOUZA, 2006).

Celso Furtado acabou por atrair a atenção do presidente Kubitschek com suas ideias modernizadoras e dinâmicas acerca da situação de atraso econômico do país e em especial, da região Nordeste, mas apesar da simpatia pela teoria de Furtado, não foi este o real motivo da tomada de consciência por parte de JK em relação ao Nordeste.

Pode-se dizer que a derrota política sofrida por JK na região nas eleições de 1958 e a grande seca que atingiu os nordestinos já flagelados levaram-no a pensar em uma estratégia para transformar o Nordeste. A vertente política do empreendimento por ele idealizado para tirar os nordestinos do atraso econômico e social foi revelada nas intenções do então presidente, antes de ser um esforço para transformar a economia da região, a nova ação do Governo Federal para o Nordeste era uma jogada política.

Celso Furtado era o líder certo para tamanho empreendimento, considerando sua idoneidade e capacidade não apenas de teorizar, mas de ser pragmático, de transformar ideias em ações. Um dos primeiros esforços concretos empreendidos por JK, tendo Furtado à frente, foi o Conselho de Desenvolvimento do Nordeste - Codeno, cuja atuação foi resultado direto das investigações e conclusões elaboradas pelo Grupo de Trabalho do Nordeste (GTDN), criado pelo BNDE em 1956, que passou a assessorar o presidente Juscelino.

Parceiros:



Realização:





O Codeno pôs em prática ações para combater a situação de atraso no Nordeste por meio da Operação Nordeste - Aberto, com Celso Furtado liderando os esforços do Governo Federal. Em um artigo de opinião, publicado no Diário de Pernambuco em 28 de março de 1958, Aníbal Fernandes, importante jornalista declarava a importância de Furtado à frente da empreitada ao afirmar que não havia: “ninguém mais indicado do que ele, para conduzir um plano em bases realistas, sem demagogia”.

Furtado era tido como um grande teórico, mas também um homem técnico e por isso era visto como o líder ideal para coordenar as ações de combate ao atraso do Nordeste, uma vez que por ser um especialista no assunto, não era preciso se temer qualquer tipo de ingerência política por parte dele na condução das medidas modernizadoras do Governo Federal para a região. Aníbal Fernandes, em seu artigo, ainda afirmava que Furtado era um homem que havia sido feito com os próprios méritos e não era produto de apadrinhamento político, além de ser alguém sério e muito bem informado.

O ano de 1959 foi particularmente complexo para todos os envolvidos com a aprovação da criação da Sudene e sua implantação e Celso Furtado, seu idealizador, foi provavelmente a personalidade mais escrutinada por seus opositores. A imprensa local mostrou as polêmicas envolvendo o economista, com articulistas defendendo o futuro superintendente da Sudene e políticos que o criticavam por acharem que Celso estava fazendo as vezes de um técnico, quando na verdade era um político tentando ganhar espaço por meio das ações do Governo Federal no Nordeste do Brasil à época.

Em matéria publicada, Fernando Mota, então presidente do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), afirmava que não havia nada de novo no plano de desenvolvimento do Nordeste elaborado por Celso Furtado³. Segundo Mota, todas as afirmações de Furtado já eram bastante conhecidas pelos estudiosos do problema nordestino. Mota afirmava ainda que grande parte das conclusões de Celso era resultado de estudos anteriores realizados pelo BNB. Porém, Fernando Mota acreditava que a inovação do plano de desenvolvimento para o Nordeste estava na ação. Ele prosseguiu

³ Diário de Pernambuco, 28 de fevereiro de 1959, p. 07 “Nada de novo apresentou o economista Celso Furtado”.

Parceiros:



Realização:



dizendo que a Operação Nordeste traria bons rendimentos à região, especialmente por causa do empenho dos governadores locais em colaborar com a mesma.

Há de se destacar, porém, que, apesar de algumas vozes contrárias à liderança de Furtado, não se podia negar que não havia melhor líder para a implantação do plano de desenvolvimento econômico do Nordeste, tanto que não apenas a imprensa local louvava os esforços de Furtado, mas também as lideranças políticas o tinham como homem forte para tirar do papel as ações da futura Sudene. Lembrando suas primeiras conversas com o presidente, o próprio Furtado diz que JK arrependia-se de não haver iniciado sua parceria com Celso no início de seu mandato como chefe do executivo brasileiro, pois isto teria proporcionado resultados políticos bem diferentes⁴. O fator Celso Furtado é imprescindível para se compreender o contexto que permitiu a criação da Sudene, o próximo pilar que sustenta esta conjuntura será discutido a seguir.

2. Nordeste político

O Nordeste brasileiro foi criado artificialmente por meio da classificação feita pelo IBGE em 1941, durante a Era Vargas e passou a povoar o imaginário popular como uma região assolada por secas recorrentes, gente flagelada e clima quente, sem mencionar a maneira como o nordestino era visto pelos habitantes de regiões abastadas como o Centro-sul (CARDOZO, 2006). Apesar de haver características tanto sociais quanto geográficas que uniformizavam a região, o Nordeste não era um bloco político de envergadura no cenário nacional até que a possibilidade de união política em torno de um objetivo comum entre os estados nordestinos levou seus mandatários a unirem-se para combater o atraso econômico que dominava a região no fim dos anos de 1950.

Até 1959, o Nordeste não fazia uso da força política que a união de seus estados poderia ter em nível nacional no que concerne à luta por mais recursos e autonomia econômica para a região. Foi exatamente ao unirem-se em torno da Questão Nordestina que os governadores da região conseguiram reivindicar melhorias culminando com a criação da Sudene.

⁴ O Longo amanhecer: cinebiografia de Celso Furtado. Brasil, 2007. DVD. 73 de José Mariani

Parceiros:



Realização:





O Nordeste reunido em torno de um objetivo comum pode ser apontado como um segundo fator que levou à criação da Sudene, pois a parceria entre seus governadores foi importante no processo de criação da organização até tornar-se realidade⁵.

Logo no início de 1959, o presidente Juscelino Kubitschek convocou uma reunião com os governadores da região para decidir questões relacionadas à situação de atraso, conforme matéria veiculada no Jornal do Commercio, no dia 01 de fevereiro do mesmo ano, “*Governadores convocados: recuperação do Nordeste, nova meta de Juscelino*”, a reportagem destacava o tom de seriedade da proposta do presidente para um plano de ação no Nordeste, ideia que seria discutida num encontro com os chefes de governo da região no dia 15 de fevereiro. Segundo o texto, o presidente esperava adotar uma série de medidas concretas que deveriam diminuir o chamado ‘polígono das secas’.

A força política do Nordeste também ressoou no Rio de Janeiro, capital federal à época, por meio da liderança de Cid Sampaio, então governador de Pernambuco (1959-1963), como atesta reportagem do Diário de Pernambuco de 14 de fevereiro de 1959⁶, que traz a informação de que o governador pernambucano havia convocado um encontro com seus colegas nordestinos no Copacabana Palace, na cidade do Rio de Janeiro, um dia antes da reunião convocada pelo presidente Kubitschek no Palácio do Catete, então residência presidencial.

Pedro Gondim, governador da Paraíba (1958-1960/1961-1966) levou suas contribuições para o encontro, afirmando que as lideranças da região deveriam trabalhar em conjunto para que o projeto de desenvolvimento da região se concretizasse. “Ou pensamos no Nordeste como um todo e sem preocupação de liderança ou estamos perdendo tempo e esforço”, disse Gondim. O paraibano trazia um plano traçado pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico da Paraíba com o apoio das mais variadas classes, desde trabalhadores rurais até as federações de comércio e indústria daquele estado.

⁵ Outros fatores devem ser apontados: A grande seca de 1958; a vitória da oposição no Nordeste, o que deixava o Presidente Juscelino sem apoio político e a ausência de política pública para a região, uma vez que a construção de Brasília e a industrialização de São Paulo, era o foco.

⁶ Antecipou encontro com os governadores, p. 01

Parceiros:



Realização:





Outro governador que opinava acerca do plano de desenvolvimento nordestino era Juracy Magalhães, da Bahia (1959-1963) o qual segundo a matéria do Diário de Pernambuco, via de modo bastante positivo o plano de reestruturação econômica do Nordeste. Ele afirmava: “gostei do plano geral e posso garantir que a Bahia dará sua cooperação para sua execução, através do seu próprio plano de desenvolvimento econômico⁷. O sentido geral do plano de industrialização e o aproveitamento das terras e das águas como se vê no plano, é inteiramente louvável. O Nordeste e particularmente a Bahia, posso dizer, têm um verdadeiro mundo a descobrir no seu subsolo”. A reunião convocada por Sampaio, segundo as palavras do próprio, tinha o objetivo de servir como uma consulta acerca das necessidades de cada estado da região, a partir do ponto de vista de cada governador em relação ao desenvolvimento da região.

Em 15 de fevereiro do mesmo ano, no Diário de Pernambuco⁸, o então ministro da Viação de Obras Públicas, Lúcio Meira (1959) afirmava que a economia nordestina seria sistematizada e racionalizada para que fosse integrada no quadro geral de desenvolvimento econômico do país mediante a fixação de metas a serem alcançadas tanto a curto quanto em longo prazo. O ministro também falou sobre a necessidade de transferência de órgãos importantes para a região do Polígono das Secas, como o Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), pois isso racionalizaria o trabalho, uma vez que haveria uma regionalização de instituições importantes para a solução dos problemas do Nordeste.

De acordo com o Ministro, o desenvolvimento do Nordeste deveria ser o resultado da junção de recursos e de trabalho técnico de todos os órgãos federais que atuam na região. “O problema do Nordeste não é simples questão de engenharia, mas principalmente, de desenvolvimento econômico. É preciso criar substância econômica na região para resistir ao flagelo das secas”, disse o ministro na ocasião.

Logo após a criação da Sudene, a forma como Celso Furtado articula a coalizão de governadores nordestinos é de suma importância para que as questões debatidas pelos políticos da região tenham força também em discussões em nível nacional e é por meio do formato inovador do

⁷ O estado da Bahia tinha em sua estrutura a Comissão de Planejamento Econômico criada em 1955.

⁸ Fase positiva de industrialização e fortalecimento da estrutura econômica do Nordeste terá início este ano é o que promete o ministro Lúcio Meira, p. 1g.

Parceiros:



Realização:





Conselho Deliberativo da Sudene que o economista consegue unir o conteúdo técnico e o conteúdo político aos debates acerca da situação nordestina (LEITÃO, 2010).

É importante destacar que a união política do Nordeste em torno de um objetivo comum, o qual era o desenvolvimento econômico da região só foi possível por causa da conjuntura nacional à época, uma vez que o então presidente JK estava à frente dos esforços desenvolvimentistas do Brasil e, o Nordeste, como a região mais atrasada do país, não poderia ficar de fora da equação.

3. Conjuntura

A conjuntura política do país à época está entre os fatores que este artigo aponta como fundamentais para que se desse a criação da Sudene em 1959. Como parte do projeto desenvolvimentista empreendido pelo então presidente Juscelino Kubitschek, foi elaborado o estudo *Uma Política de Desenvolvimento para o Nordeste*, o qual apontava o atraso nordestino em relação à região Centro-sul e que, entre outras coisas, influenciava de maneira negativa o desenvolvimento do país como um todo, o que levaria a questão nordestina ao centro do debate político em nível nacional à época. Para o Brasil avançar o Nordeste não poderia ficar para trás.

A situação do Nordeste dentro do panorama nacional em 1959 era extremamente complexa, pois a região sofria de uma atrofia econômico-social que a deixava numa posição profundamente negativa em relação ao Centro-sul. Visando os benefícios que poderia ter no incipiente processo de industrialização nordestino, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) organizou o Seminário do Nordeste na cidade de Garanhuns (PE) com a presença de delegações dos estados da região, representantes do Governo Federal, incluindo o próprio Presidente da República Juscelino Kubitschek e enviados da ONU, OEA FAO, OPA⁹ e delegações de países, como França, Itália,

⁹ Organização das Nações Unidas, Organização dos Estados Americanos, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, Operação Pan-Americana.

Parceiros:



Realização:





Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Japão, Bélgica e Israel, este último trouxe na bagagem sua experiência de desenvolvimento em áreas áridas.

Em matéria do dia 19 de março de 1959, o Jornal do Commercio¹⁰ mencionava os preparativos para o Seminário do Nordeste, destacando as discussões que iriam acontecer no dia 26 de abril. O Seminário seria um dos principais pontos de trabalho na condução da política desenvolvimentista de Kubitschek para a Região, uma vez que em 17 de fevereiro fora instalado, no Palácio do Catete a Operação Nordeste (Openo)¹¹ e em dia 25, no Recife, o Conselho de Desenvolvimento Econômico do Nordeste (Codeno)¹², o órgão que executaria as diretrizes da Openo. O Seminário do Nordeste, realizado no dia 26 na cidade Garanhuns, em Pernambuco, trouxe um debate em torno da iniciativa que levou o Presidente da República a conduzir a mudança tão ansiosamente aguardada pelos nordestinos da época.

Na assinatura do decreto de criação do Codeno, Celso Furtado destacou o papel do Governo Federal no processo de desenvolvimento do Nordeste por meio da oferta de transporte, energia elétrica e irrigação, ou seja, bases para que a Openo pudesse ser posta em prática. O economista ainda frisou a importância de um órgão capaz que contava com técnicos dos mais variados ramos e com experiências distintas, além de mencionar que os estudos e esquemas elaborados pelo Codeno deveriam servir de base para a formulação de um projeto de desenvolvimento regional que correspondesse às possibilidades do Nordeste naquele momento.

Além do atraso econômico, os nordestinos encontravam-se envolvidos em um redemoinho político-social, pois haviam buscado apoio político para lidar com o flagelo da grande seca de 1958, a qual, aliada às condições de indiferença por parte do poder público à época, só fez endurecer ainda mais a situação política da região. Por causa do descaso do Governo Federal neste desastre político, muito mais que natural, o partido do presidente JK sofreu uma derrota inesperada nas eleições de 1958 e este baque trouxe consequências que se faziam ecoar ainda em 1959.

¹⁰ Preparativos para o seminário do Nordeste, p. 13b

¹¹ O Nordeste e a saga da Sudene, p. 73

¹² Criado pelo Decreto nº 45.445 de 20/02/1959

Parceiros:



Realização:





A luta pela reforma agrária, que começou a tomar fôlego em fins dos anos 1950, também era uma realidade no Nordeste e as lideranças políticas locais não estavam interessadas em modificar a situação de exploração sob a qual os trabalhadores rurais viviam. Nessa época, o movimento das Ligas Camponesas, liderado pelo advogado Francisco Julião, estava na vanguarda da luta camponesa e despertava o interesse até dos norte-americanos, os quais viam o Nordeste como prestes a cair nas mãos da Cuba revolucionária de Fidel Castro. Pode-se afirmar que tanto a conjuntura política brasileira quanto a nordestina são fatores chave para se compreender o processo que culminou com a criação da Sudene (MELO E SILVA, 2009).

Mas toda a atmosfera político-social do Nordeste não seria conhecida do resto do país, caso a mídia resolvesse omitir-se, mas não foi o que aconteceu, como será discutido a seguir.

4. Imprensa

O último fator defendido nesta argumentação como sendo de suma importância para que houvesse uma atmosfera positiva para a criação da Sudene, é a relação da imprensa com a Questão Nordestina. A imprensa nacional noticiou todo o processo de criação da Sudene, com reportagens que denunciavam a situação calamitosa em que vivam os nordestinos, não apenas assolados pela seca, mas pela falta de iniciativa política de seus governantes para mudar o quadro social da região.

Entre as reportagens mais destacadas da época estavam as que foram produzidas pelo jornalista fluminense Antônio Callado, repórter do conceituado periódico carioca Correio da Manhã, publicadas entre 10 e 23 de setembro de 1959, Callado trouxe para o debate público, questões há muito incômodas acerca da triste realidade nordestina e, inegavelmente, contribuiu com os esforços para a mudança de situação na região concretizada pela criação da Sudene. Suas reportagens denunciavam o flagelo dos nordestinos trazendo de forma inédita a questão para o debate político nacional, assim como, denunciava os chamados “industriais da seca”, termo cunhado pelo jornalista para se referir aos ricos proprietários de terra do Nordeste que costumavam para obter benefícios pessoais por meio de dos recursos destinados à construção de açudes na região.

Parceiros:



Realização:





Em seu livro de memórias, Celso Furtado afirma que o Governo Federal buscou o apoio do Correio da Manhã, então o jornal mais importante da capital federal, para que os esforços para a criação da Sudene fossem bem recebidos pelos brasileiros. Segundo Furtado, a adesão de Paulo Bittencourt, diretor do periódico, foi decisiva para que a ideia da criação da Autarquia tivesse força no debate político nacional (MENDONÇA, 2006).

Ao receber o apoio do diretor do Correio da Manhã, Antônio Callado veio ao Nordeste investigar a situação de miséria sob a qual viviam os habitantes da região e se deparou com um cenário conturbado politicamente: a existência das Ligas Camponesas, a eleição de políticos tidos como populistas e as consequências de uma seca que assolara a região mais uma vez. As reportagens de Callado surtiram o efeito esperado: viraram motivo de debate em nível nacional e o projeto de criação da Sudene angariou defensores por todo o país.

Em um artigo publicado no Jornal do Commercio do dia 01 de março¹³, Cid Sampaio, opinava acerca do que se poderia fazer para combater o atraso socioeconômico da região. Em seu discurso, Sampaio afirmou que era de suma importância haver o desenvolvimento de um mercado consumidor local que pudesse sustentar por meio de seu poder de compra a indústria que estava para nascer no Nordeste.

Segundo a reportagem, Sampaio havia compreendido que os benefícios conseguidos por meio do projeto de irrigação do São Francisco, só seriam possíveis se houvesse uma reforma agrária, pois de outra maneira, apenas os grandes proprietários se beneficiariam. O governador era tido como o mais vanguardista entre os colegas nordestinos no que se refere à ação de combate ao atraso da região, pois foi o primeiro a pensar de modo mais abrangente quanto à industrialização. Segundo Cid Sampaio, industrializar o Nordeste sem oferecer condições socioeconômicas mais igualitárias resultaria num grande fracasso.

Certamente que muitas outras reportagens, editoriais e artigos acerca de toda a atmosfera que envolvia o processo de criação da Sudene poderiam ser mencionados neste artigo para ilustrar o

¹³ A industrialização requer aumento do poder aquisitivo, mediante reforma agrária, p. 52g.

Parceiros:



Realização:





papel relevante da imprensa como o veículo determinante para o debate político nacional sobre a Questão Nordestina e o que se intentava fazer para solucioná-la, mas este não é o objetivo deste trabalho. De fato, quis-se apenas apresentar fatores que podem ser considerados como fundamentais para a criação da Sudene e o trabalho da imprensa nesta empreitada é um destes pontos chave para se compreender o processo

Conclusões

O propósito deste artigo foi apenas apresentar uma breve discussão acerca do contexto do qual surgiu a Sudene e que fatores poderiam ser apontados como responsáveis diretos pelo sucesso que a iniciativa de Juscelino Kubitschek e o papel de Celso Furtado teve em termos de realização política para o Nordeste brasileiro. Poder-se-ia enumerar outros fatores como responsáveis diretos pelo êxito do empreendimento do governo JK para tirar o Nordeste do atraso crônico sob o qual a região vivia, mas crê-se que os pontos mencionados neste artigo são suficientes para se entender a conjuntura sob a qual a organização passou a existir.

O contexto político da época, representado pelo projeto desenvolvimentista de JK, aliado à liderança de Celso Furtado à frente dos esforços para resgatar o Nordeste de seu atraso socioeconômico, a união dos mandatários dos estados nordestinos formando um bloco político em torno de um interesse conjunto e o papel da imprensa em colocar a Questão Nordestina no mapa político do Brasil, são sem dúvida alguma, os principais fatores que contribuíram para que a ideia de criação da Sudene se concretizasse.

Parceiros:



Realização:





PROCONDEL
SUDENE

Referências:

Fontes Primárias

Arquivos do CONDEL

Fontes Secundárias

Jornal do Commercio

Diário de Pernambuco

BENEVIDES, Maria Victoria. **O Governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento**. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CARDOZO, Anderson. 1960. SUDENE – Resistência e Desconfiança. In: **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, n.01. 2006. Disponível em: <
http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201109201209490.CD8_0_018.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2013.

[FURTADO, Celso. A saga da Sudene \(1958 -1964\), in Arquivo Celso Furtado. Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, Rio de Janeiro, Contraponto, 2009.](#)

LEITÃO, Roberto Guilherme. Constituição e a Questão Nordestina: Por uma política de enfrentamento/superação das desigualdades regionais. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, vol. 08, n. 08 jul/dez. 2010. Disponível em: <
<http://revistaeletronicardfd.unibrazil.com.br/index.php/rdfd/article/view/67/66>>. Acesso em: 29 dez. 2013.

LOVE, Joseph. **Crafting the Third World: Theorizing Underdevelopment in Rumania and Brazil**. Stanford University Press, 1996. 1 ed. Stanford-CA: Stanford University Press, 1996. 348 p.

MELO E SILVA, Thiago Moreira. A Presença das Ligas Camponesas na Região Nordeste. In: Encontro Nacional de Geografia Agrária, n. 19, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo-USP. Disponível em: <

Parceiros:



RECBOCM



Fundação
Joaquim
Nabuco



Chesf



PROEXC
Projetos de
Extensão e Cultura



Sudene

Ministério da
Integração Nacional





PROCONDEL
SUDENE

http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Silva_TMM.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2014.

MENDONÇA, Kleber. O “Gosto de Cinza” da Objetividade: uma análise das reportagens de Antônio Callado sobre as ligas camponesas de Pernambuco. **Unirevista**, São Leopoldo, vol. 1, n. 3, julho. 2006. Disponível em: < <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12778889/o-gosto-de-cinza-da-objetividade-uma-analise-das-unirevista> >. Acesso em: 10 dez. 2013.

RICUPERO, Bernardo. **Celso Furtado e o pensamento social brasileiro**. 2002. Disponível em: < <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=33> >. Acesso: em 29 dez. 2013.

SOUZA, Julia Gomes e. Estado, movimentos sociais e reforma agrária: as duas fases do pensamento de Celso Furtado no pré-1964. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol. 17/18, dez. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/neils/downloads/v17_18_julia.pdf>. Acesso em: 26 dez 2013.

VELOSO, Jardel Gonzaga; FIDELIS, Marli Batista. **Governo JK: Um estudo sobre o desenvolvimentismo e a economia no quinquênio (1956-1960)**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/governo-jk-um-estudo-sobre-o-desenvolvimentismo-e-a-economia-no-quinquenio-1956-1960/14805/>>. Acesso em: 29/12/2013.

Parceiros:



REOCBM



Fundação
Joaquim
Nabuco



Chesf



PROEXC
Programa
de Extensão e Cultura



Ministério da
Integração Nacional

